

**CENTRO UNIVERSITÁRIO MÁRIO PALMÉRIO- UNIFUCAMP
CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

VITÓRIA TEREZINHA PIRES BORGES

**ANÁLISE ECONÔMICA DA EXPORTAÇÃO AGROPECUÁRIA DO BRASIL À
CHINA**

**BRASIL
Monte Carmelo - MG
2020**

VITÓRIA TEREZINHA PIRES BORGES

**ANÁLISE ECONÔMICA DA EXPORTAÇÃO AGROPECUÁRIA DO BRASIL À
CHINA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade do Centro
Universitário Mário Palmério -
UNIFUCAMP, Minas Gerais, como
requisito exigido parcial à obtenção do
grau de Bacharel em Ciências
Contábeis.

Orientadora: Simone Teles da Silva
Costa

Monte Carmelo - MG

2020

RESUMO

A China apresenta um livre comércio com o Brasil em busca da exportação agropecuária ao país. A alavancagem operacional apresentaria realmente um benefício bilateral, não sendo somente favorável aos grandes produtores. Através do cenário de comércio bilateral entre China e Brasil, o presente trabalho tem o objetivo de demonstrar as exportações e os impactos socioeconômicos no âmbito de mercado interno e externo do Brasil para a China. A metodologia utilizada na presente pesquisa se deu por meio da pesquisa exploratória com a abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa é a fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados. O comércio bilateral entre Brasil e China possui laços que remontam da década de 50, quando a República da China foi estabelecida, no entanto, até a década de 90 as relações econômicas entre os dois países eram bastante modestas. O cenário brasileiro não é animador, devido a grave recessão, a previsão de crescimento do Brasil não é uma das melhores, principalmente em decorrência da má situação fiscal, causadas por choques negativos e políticas custosas de isenções e desonerações. O livre comércio entre o Brasil e a China traz benefícios para ambos os países e colabora para evolução da economia se tornando vantajoso para ambas as partes.

PALAVRAS – CHAVE: Comércio; Economia; Exportação.

ABSTRACT

The China presents free trade with Brazil in search of agricultural exports to the country. Operational leverage would actually have a bilateral benefit, not only being favorable to large producers. Through the scenario of bilateral trade between China and Brazil, the present work aims to demonstrate exports and socioeconomic impacts within the scope of Brazil's domestic and foreign markets for China. The methodology used in the present research was based on exploratory research with a qualitative approach. The qualitative approach is the direct source for data collection, interpretation of phenomena and attribution of meanings. Bilateral trade between Brazil and China has ties that date back to the 1950s, when the Republic of China was established, however, until the 1990s, economic relations between the two countries were quite modest. The Brazilian scenario is not encouraging, due to the severe recession, Brazil's growth forecast is not one of the best, mainly due to the bad fiscal situation, caused by negative shocks and costly exemption and exemption policies. Free trade between Brazil and China brings benefits to both countries and contributes to the evolution of the economy, becoming advantageous for both parties.

KEY-WORDS: Commerce; Economy; Export.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil e a China já possuem um comércio bilateral desde meados do século XIX, com o propósito de unir e intensificar cada vez mais as transações de mercadorias. Com o tempo, o relacionamento foi se adequando conforme as necessidades de cada país. No cenário atual, em 2019 as relações entre ambos se intensificaram e ganharam destaque devido à abertura do mercado pecuário. A expansão beneficia a cadeia produtiva brasileira valorizando e abrindo novas oportunidades de negócios, por consequência a demanda cresce de forma exponencial gerando empregabilidade, lucratividade e desenvolvimento socioeconômico (QUINZANI, 2019).

A China abre livre comércio com o Brasil em busca da exportação agropecuária ao país. A alavancagem operacional apresentaria realmente um benefício bilateral, não sendo somente favorável aos grandes produtores. O aumento da oferta e procura causaria o elevado preço da mercadoria no mercado interno; com isso o consumidor final optaria por substituir a proteína bovina, crescendo gradativamente todos os custos da agropecuária. Eventualmente seria um patamar à expansão qualitativa da produção (MENEZES, 2010).

Para Sang (2019) a nação chinesa apresentou uma queda na sua produção de proteína suína, por consequência da peste suína que se instalou em todo país asiático e dizimou grande parte de sua produção, afetando diretamente sua cadeia produtiva e seus consumidores finais. A mesma é considerada a maior consumidora do produto mundialmente, devido à baixa na oferta o país começa a sofrer com desabastecimento da proteína. Desta forma, a China busca fora da sua expansão territorial soluções para suprir suas necessidades até que a peste suína se desinfete do país.

O custo no armazenamento de cargas e comprometimento recíproco das ofertas, também visa melhorar a competitividade das mercadorias perante o comércio internacional. A China detém o maior percentual de exportação do Brasil, em 2018 registrou o valor de US\$ 63,93 bilhões em transações tendo assim um superávit de aproximadamente de US\$ 30 bilhões favorecendo o Brasil (DE SOUZA, 2017).

Dentre os produtos exportados à China, o Brasil possui 07 dos 10 principais, sendo soja, carne bovina e de frango, açúcar, café, celulose e o farelo de soja; para o mercado interno. Este ano de 2020 todas e quaisquer operações feita com a China tiveram bruscamente sua paralização, tendo a falência e o fechamento por tempo indeterminado de inúmeras fabrica. O comércio internacional se depara com estagnação sem controle e não

tendo previsão de normalização, sendo que no futuro irá afetar todos os comércios aduaneiros (CONTINI, 2016).

Diante deste cenário de comércio bilateral entre China e Brasil, o presente trabalho tem o objetivo de demonstrar as exportações e os impactos socioeconômicos no âmbito de mercado interno e externo do Brasil para a China. Como objetivos específicos responder as seguintes questões: A economia interna é favorecida mediante ao comercio bilateral? Existe a divisão correta para ambas as partes da cadeia produtiva, com isso favorecem desde o pequeno ao grande produtor? A carga tributária nos principais produtos exportados, possuem beneficiamento quanto China e Brasil? Demonstrar como o Acordo de Reconhecimento Mútuo (ARM) irá impactar nas transações aduaneiras entre os países.

A metodologia utilizada na presente pesquisa foi por meio da pesquisa exploratória que é realizada quando há pouco ou nenhum estudo anterior. A finalidade dessa metodologia é o de procurar padrões, ideias ou hipóteses, em vez de testar hipóteses ou confirmá-la.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: a introdução, na qual será apresentado o tema abordado, os objetivos e a justificativa da pesquisa; o referencial teórico, que será o desenvolvimento da temática fundamental para o alcance dos objetivos; a metodologia, que são os métodos utilizados e os passos para que o trabalho fosse realizado; e as considerações finais, que é a conclusão do trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Histórico das relações bilaterais entre brasil e china

Os contatos intergovernamentais se iniciaram em meados do século XIX, que inicialmente tinha como objetivo a importação de mão-de-obra chinesa, para atender as necessidades da força de trabalho na cafeicultura. Contudo, esse projeto não teve conclusão após a recusa do governo chinês. A China possuía receio do manuseio da mão-de-obra chinesa, ou seja, temiam que os imigrantes se tornassem escravos no país (VILLELA, 2004).

As relações formais entre os dois países datam do século XIX, quando uma missão especial, integrada. O objetivo maior da iniciativa, que era de promover a imigração chinesa ao Brasil, não teve maiores desdobramentos, em vista da conjuntura política e econômica internacional à época. Tendo o Brasil o reconhecido em 1913 e já em 1914 é instalada uma missão diplomática na capital chinesa. No período de 1911 a 1949 Brasil e China tiveram relações apenas diplomáticas. Para abertura da embaixada nesta localidade, reconhecendo o

regime nacionalista como a autoridade legal da China, esta situação permaneceu até 1974 (FUGITA, 2003).

Ambos os países possuem condições expressivas para intensificar significativamente os números referentes à exportação e importação diante da expansão comercial. Em 2002, o comércio e as transações corresponderam a 0,9% do total de importações chinesas, por sua vez a China respondeu por apenas 0,5% das importações nacionais (VILELA, 2004)

2.2. O comércio entre o Brasil e a China

Segundo Lima (2019) nos primeiros quatro anos de exportação, os principais produtos exportados foram soja, minério de ferro, laminados e semimanufaturados de ferro e aço, automóveis, peças e acessórios para tratores e veículos, couro, madeiras, celulose e papéis, a SECEX (Secretaria de Comércio Exterior) defende que a exportação brasileira se divide da seguinte forma: 54,9% comercialização de produtos primários, 21% dos bens semimanufaturados e 24,1% dos manufaturados.

Nos tempos atuais a concentração de comércio se intensificou em poucos produtos, porém gerando um total de US\$ 6 bilhões de comércio bilateral, as exportações somam US\$ 4,5 bilhões, representando as vendas de minério de ferro, ferro, soja, aço, automóveis e celulose 75% do total das exportações (LINS, 2019).

O comércio se intensificou nos últimos anos, devido ao crescimento econômico e as necessidades vitais ao país. Durante as reformas ocorridas no país, mais de 250 milhões de pessoas foram retiradas da extrema miséria e incorporadas ao mercado consumidor chinês com condições consideráveis de poder de consumo. Devido a esta situação, hoje o mercado chinês é formado por 400 milhões de pessoas com capacidade de consumo. Estas pessoas trabalham nas indústrias e representam por volta de 5% da mão-de-obra chinesa (SANTANA, 2012).

Segundo Lins (2019) com regiões de severas temperaturas, regiões montanhosas e a escassez de recursos hídricos, a China se destaca pela produção agropecuária. Mesmo com altos índices de produtividade, não é possível manter autossuficiência na produção alimentícia para assegurar as necessidades dos habitantes, com isso não há possibilidades de a China não ser dependente da exportação de outros países.

2.3. O Impacto da Crise Econômica em 2008

Entre 2008 e 2009, as exportações caíram em 26,9%, devido à desaceleração da economia mundial, enquanto as importações caíram 38,6%. A crise econômica foi ocasionada pela queda da demanda externa por mercadorias de origem chinesa. As estratégias chinesas para restabelecer o mercado obtiveram resultados para economia mundial e brasileira, dentre elas, a primeira foi diversificar as suas exportações a fim de evitar uma diminuição de seu crescimento, que os EUA e a União Europeia sofriam gravemente com a contratação econômica (YEH; LAGE, 2015).

Por um lado, a necessidade chinesa de grande quantidade de matérias-primas e de alimentos reitera a posição altista dos preços das commodities, por outro lado, a produção de manufaturas chinesas, intensiva em trabalho e também em tecnologia, para o mercado interno e para exportação reforça a posição baixista dos preços desses produtos devido ao efeito escala da produção chinesa. Isso poderá gerar mudanças nas estruturas das exportações e importações de diversos países (YEH; LAGE, 2015). Tal diversificação de mercados por parte da China após a crise está demonstrada claramente na Tabela 1.

Tabela 1 - Destino das Exportações e Origem das Importações Chinesas, 1980-2010

	EXPORTAÇÕES			IMPORTAÇÕES		
	1980-2000	2001-2007	2008-2010	1980-2000	2001-2007	2008-2010
Países de Alta Renda	83,1	82,8	74,9	83,2	71,8	64,4
África Subsaariana	1,5	1,8	2,7	0,8	2,3	4
América Latina	2	3,2	5,1	3,2	3,8	6,4
Europa e Ásia Central	2,2	3,3	4,9	4,3	3,4	3,3
Mundo Árabe	4,9	3,1	4,4	1,5	3,6	5,7
Oriente Médio e Norte da África	3,8	1,6	2,3	0,7	1,6	2,4
Pacífico Asiático	4,3	5,3	6,5	4,7	8,9	9,2
Sul da Ásia	1,6	2	3,4	0,7	1,3	1,7

Fonte: BICHARA et al., 2012

Segundo De Oliveira (2014) os países em desenvolvimento que, na média do período de 1980 a 2000, representavam 17% dos compradores e exportadores da China, passaram a representar 25% dos mercados compradores e 35% dos exportadores no período pós-crise. Há um destaque maior para o intercâmbio comercial chinês com os países da América Latina e Pacífico Asiático. Ao mesmo tempo, o intercâmbio comercial chinês com os países de alta renda diminuiu durante esse período. Lembrando que esse movimento já vem se

intensificando desde a entrada da China na OMC, quando as exportações chinesas cresceram substancialmente (BICHARA et al., 2012).

Além de tentarem diversificar seus mercados de destino de exportações e importações, após a crise, os exportadores chineses têm buscado elevar a agregação de valor e tecnologia da pauta exportadora. Mas essa já é uma tendência que pode ser observada desde 1995, como é mostrado na tabela 2.

Tabela 2 - Exportações e Importações chinesas por intensidade tecnológica – 1995 e 2010

Tipologia

	Exportações		Importações	
	1995	2010	1995	2010
Produtos Primários	8,20%	2,30%	8,50%	24,00%
Produtos Intensivos em Recursos Naturais	11,40%	8,00%	18,20%	14,70%
Manuf. Intensivos em Trabalho	45,60%	27,70%	20,00%	8,70%
Manuf. Intensivos em Economias de Escala	15,60%	20%	10,40%	9,70%
Manuf. Produzidos por Fornecedores Especializados	7,30%	24,00%	24,00%	16,80%
Manuf. Intensivos em P&D	5,90%	17,90%	11,20%	24,80%
Não-classificados	5,90%	0,10%	7,70%	1,30%
Total	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: SARQUIS (2011)

Percebe-se, durante esse período, uma redução significativa dos produtos intensivos em trabalho nas exportações e um aumento na participação dos produtos manufaturados intensivos em pesquisa e desenvolvimento (DE OLIVEIRA, 2014).

A relação econômica bilateral sino-brasileira é tão preocupante atualmente porque ela beneficia o Brasil em curto prazo, mas leva a uma crescente dependência da economia brasileira à economia chinesa no longo prazo. E essa dependência aumenta a exposição da economia a choques externos, visto que os preços internacionais das commodities são muito voláteis. E a história demonstra que os países dependentes das exportações desses produtos crescem muito mais lentamente do que aqueles que possuem pautas de exportação mais diversificadas (SARQUIS, 2011).

2.4. Crescimento econômicos e necessidades vitais

A manutenção e a sustentabilidade do crescimento econômico chinês dependem fundamentalmente da capacidade da Administração Central em proporcionar melhorias nas condições de vida da sua população. Hoje a China apresenta 05 (cinco) necessidades vitais para sustentar seu país, onde são elas: Alimentar sua população- A China não apresenta extensa área de terra e o clima não propício para desenvolver a atividade agropecuária. Devido a isso, à medida que se amplia o consumismo chinês, a demanda por alimento aumenta (BARBARA, 2020).

De acordo com Fiorin (2011) o suprimento de Recursos Energéticos e de Energia- O desenvolvimento do país depende diretamente da disponibilidade de recursos para sustentar a grande demanda. A ampliação e o surgimento de muitas plantas industriais na China, como resultado das enormes cifras de investimento estrangeiro direto, o rápido processo de urbanização e a ampliação acelerada do mercado de automóveis e veículos, justificam tal preocupação da Administração Chinesa quanto à obtenção de recursos energéticos e o fornecimento de energia.

No desenvolvimento de infraestrutura em países populosos e de dimensões continentais, a infraestrutura tem uma enorme importância, pois um mercado interno interligado proporciona boas condições para o desenvolvimento da atividade econômica, assim como uma infraestrutura adequada é uma das condições essenciais para o sucesso da atividade exportadora. Um país possuidor de um mercado interno com um nível satisfatório de atividade econômica, como também detentor de um comércio exterior dinâmico apresenta resultados positivos em nível de renda e em produtividade (VILLELA, 2004).

De acordo com Introini (2019) na China, há uma concentração de infraestrutura nas áreas costeiras e nas províncias do Sudeste onde se encontram as zonas urbano-industriais do país. Isso se explica pela própria história das reformas e da abertura econômicas que se iniciaram com o estabelecimento das Zonas Econômicas Especiais e, após a confirmação do sucesso destas, difundiram-se para as províncias do Sudeste.

Os investimentos em transportes, telecomunicações e energia dirigem-se também às grandes cidades chinesas que, segundo previsões, receberão milhões de chineses oriundos das zonas rurais O desenvolvimento Tecnológico- A produção de tecnologia é um ponto-chave para o crescimento econômico e para a superação do atraso dos países em desenvolvimento. A tecnologia dá oportunidade a estes países de agregarem valor à sua produção. Cabe lembrar que o subdesenvolvimento se caracteriza, dentre outros fatores,

pela dependência tecnológica. A China adotou uma estratégia para o seu desenvolvimento tecnológico que se divide em duas frentes: investir pesadamente em ciência e tecnologia; transferência de tecnologia via joint ventures (BARBARA, 2020)

Tanto a política de investimentos em ciência e tecnologia quanto a obrigatoriedade de transferência de tecnologia que empresas estrangeiras devem fazer se desejarem se instalar na China, mostraram-se bem-sucedidas ao longo dos últimos 25 anos das reformas, visto que floresceram no país setores industriais de alta tecnologia: indústria aeroespacial, biotecnologia, informática, eletrônica e telecomunicações. Base para construção da Lista de Produtos e Serviços- Tendo por base a satisfação dessas necessidades vitais, a fim de que a China continue crescendo economicamente existe também uma lista de produtos e serviços brasileiros que ainda não são exportados a ela ou já o são em pequenas quantidades. Será mostrado no presente trabalho aqueles produtos cujas vendas se destacam, mas que ainda apresentam espaço para um aumento dos negócios (VILLELA, 2004).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na presente pesquisa se deu por meio da pesquisa exploratória com a abordagem qualitativa exploratória sobre a temática análise econômica da exportação agropecuária do Brasil à China. A pesquisa exploratória consiste na “possibilidade de aumentar o conhecimento do pesquisador sobre os fatos, permitindo a formulação mais precisa de problemas, criar novas hipóteses e realizar novas pesquisas mais estruturadas” (DE OLIVEIRA, p.20, 2011).

Quanto a abordagem qualitativa consiste na fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados. Esta é uma maneira adequada para o conhecimento da natureza de um fenômeno social levando em consideração que o pesquisador obtenha dados da realidade para que assim possa analisá-los (KAUARK et al., 2010).

A coleta de dados foi por meio do levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, em livros, periódicos, artigos, sites e outros materiais cientificamente confiáveis. A pesquisa bibliográfica consiste em resolver um problema por meio de referências teóricas publicadas, analisando e discutindo as várias contribuições científicas.

3 DISCUSSÃO

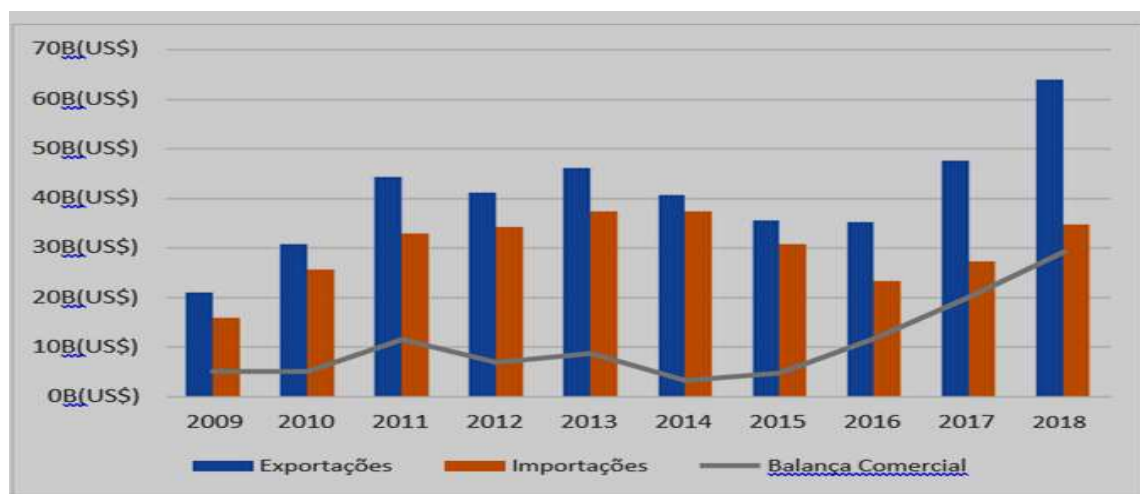
Enquanto o mundo inteiro sofre com uma forte diminuição dos níveis do comércio internacional em decorrência da pandemia de covid-19, o total da corrente comercial brasileira permanece praticamente inalterado. É o que mostram os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior relativos ao primeiro quadrimestre do ano.

As exportações para a Ásia, em especial para a China, são o carro-chefe desse resultado e, de acordo com analistas ouvidos pela RFI (Request For Information) ou Pedido de Informação, atritos recentes entre os dois países não devem se refletir em obstáculos a longo prazo. De janeiro a abril, a corrente de comércio brasileira somou US\$ 123,4 bilhões, apenas 2% menor do que a registrada no mesmo período de 2019 (DA SILVA, 2020).

No momento em que a Organização Mundial do Comércio (OMC) projeta uma queda mundial do volume do comércio entre -13% e -32% no ano, os resultados obtidos pelo Brasil, até o mês de setembro, são positivos. Se considerado o volume exportado, livre do efeito da queda dos preços internacionais, o país cresceu sua exportação no mês de abril e no quadrimestre em 2,9% e 1,1%, respectivamente. Balanço divulgado pelo Ministério da Economia aponta, contudo, uma forte queda na venda de produtos e matérias-primas brasileiras para diversas regiões do planeta no primeiro quadrimestre: as exportações para a América do Norte caíram 18,5%, para a América do Sul caíram 21,2%, para a América Central e Caribe.

Como uma economia de mercado, o Brasil mantém relações comerciais com diversos países, entre eles a China e os Estados Unidos, duas potências que travam uma guerra comercial espinhosa. Os Estados Unidos têm uma relação madura com o Brasil, uma conexão sólida com os bancos nacionais, que entendem o país muito bem e vão estar sempre de olho nos números e nas oportunidades. Com a China, é uma relação comercial ativa e capaz de atrair investimentos, especialmente em infraestrutura (GONÇALVES, 2020). O gráfico 1 mostra a evolução da balança comercial entre o Brasil e a China de 2009 a 2018.

Gráfico 1: Balança comercial Brasil – China de 2009 a 2018 (em US\$ FOB)



Fonte: LI, 2019.

Conforme pode ser observado no gráfico 1 a exportação do Brasil para a China apresenta um crescente até o ano de 2014. Posteriormente em 2015, acontece uma baixa nas exportações e também nas importações. A partir de 2017 houve um aumento significativo nas transações.

A boa relação entre os países é definida na maior parte dos casos por um viés econômico, ou seja, se as vantagens de um dado comércio bilateral são crescentes e duradouras, a parceria comercial tende e deve continuar como uma forma de alavancar as exportações de ambos os países, ou mesmo as importações, a fim de oferecer para os seus consumidores internos preços melhores e maior qualidade de produtos, e/ou melhorar a sua situação na balança de pagamentos.

O comércio bilateral entre Brasil e China possui laços que remontam da década de 50, quando a República da China foi estabelecida, no entanto, até a década de 90 as relações econômicas entre os dois países eram bastante modestas. Após esse período, o comércio se intensificou e a China escalou para ser o terceiro maior parceiro comercial em 2002, o segundo maior em 2008, ultrapassando a Argentina, e no ano seguinte, ultrapassa os Estados Unidos para ser o maior parceiro comercial do Brasil (DE SOUSA, 2017).

É notável a evolução da exportação de produtos brasileiros primários para a China frente a uma importação de bens industrializados e manufaturados. Essa evolução na pauta exportadora do comércio bilateral pode significar uma desindustrialização por parte do Brasil ante uma industrialização chinesa, e a relação afirmada pelos autores pode ser observadas no ano de 2009 a 2018, segundo os dados do MDIC, como pode ser visto na tabela 1.

Tabela 01 – Soma do grupo de produtos exportados do Brasil para a china em (%)

Grupo de Produtos	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Matérias em bruto	74,96%	72,43%	75,11%	71,78%	77,49%	78,63%	70,47%	70,34%	72,28%	67,51%
Combustíveis minerais	6,39%	13,18%	11,02%	11,73%	80,77%	80,55%	11,65%	11,14%	15,51%	22,57%
Alimentos e Animais Vivos	0,98%	2,85%	4,19%	40,43%	40,40%	30,89%	50,60%	70,78%	40,35%	40,77%
Manufaturados	8,43%	4,26%	3,37%	30,64%	40,49%	40,62%	50,87%	40,93%	30,37%	20,80%
Produtos Químicos	2,34%	1,09%	1,19%	10,37%	0,87%	10,03%	10,29%	10,06%	10,21%	0,97%
Máquinas	2,97%	2,33%	2,33%	30,37%	10,58%	10,34%	30,60%	30,08%	10,94%	0,68%
Óleos animais e vegetais	1,96%	2,59%	1,78%	20,34%	10,24%	0,91%	0,58%	0,63%	0,61%	0,35%
Bebidas e Tabaco	1,76%	1,12%	0,86%	10,16%	0,99%	0,82%	0,74%	0,80%	0,58%	0,26%
Obras diversas	0,17%	0,11%	0,10%	0,10%	0,10%	0,14%	0,13%	0,18%	0,12%	0,08%
Outros	0,04%	0,04%	0,06%	0,08%	0,08%	0,07%	0,07%	0,05%	0,02%	0,01%
Produtos Químicos	2,34%	1,09%	1,19%	10,37%	0,87%	10,03%	10,29%	10,06%	10,21%	0,97%
Máquinas	2,97%	2,33%	2,33%	30,37%	10,58%	10,34%	30,60%	30,08%	10,94%	0,68%
Óleos animais e vegetais	1,96%	2,59%	1,78%	20,34%	10,24%	0,91%	0,58%	0,63%	0,61%	0,35%
Bebidas e Tabaco	1,76%	1,12%	0,86%	10,16%	0,99%	0,82%	0,74%	0,80%	0,58%	0,26%
Obras diversas	0,17%	0,11%	0,10%	0,10%	0,10%	0,14%	0,13%	0,18%	0,12%	0,08%
Outros	0,04%	0,04%	0,06%	0,08%	0,08%	0,07%	0,07%	0,05%	0,02%	0,01%

Fonte: Li, 2019.

Os dados da tabela 1, mostra que as exportações brasileiras de produtos primários para a China se manteve crescente ao longo dos anos de 2009 a 2018, sendo que a soma de Matérias em bruto e Combustíveis Mineiras crescem de 81,35% em 2009 para 90,08% em 2018, e a quantidade exportada de Matérias em bruto decresce ao longo do tempo à medida que os Combustíveis Minerais aumentam, isso pode ser associado à política de incentivo e subsidio às industrias energéticas discutidos na seção anterior de Política Econômica, uma vez que a quantidade em 2009 representava apenas 6,39% do total do quantum ante um valor de 22,57% já no ano de 2018. Quanto aos Manufaturados e Máquinas, produtos com maior complexidade e valor agregado, ambos tiveram queda, de 8,43% em 2009 para 2,8% em 2018 e de 2,97% em 2009 para 0,68% em 2018, respectivamente. A tabela 2 apresenta os dados referentes as importações realizadas pelo Brasil na China.

Tabela 2 – Importações brasileiras da China dividido por grupo de produtos – 2009 a 2018 (em %).

Grupo de Produtos	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Máquinas	55,90%	55,83%	55,00%	55,46%	54,85%	52,99%	51,96%	52,86%	51,48%	54,92%
Manufaturados	14,78%	18,98%	18,06%	17,52%	17,19%	18,60%	17,18%	15,22%	16,25%	14,90%
Produtos Químicos	11,06%	9,12%	10,56%	10,26%	11,74%	12,67%	13,18%	15,95%	15,85%	15,82%
Obras Diversas	15,85%	13,17%	12,96%	13,92%	13,32%	13,32%	14,43%	12,25%	13,05%	11,71%
Alimentos e Animais	1,16%	1,61%	1,66%	1,74%	2,03%	1,41%	1,68%	2,39%	1,63%	1,01%
Matérias em Bruto	0,55%	0,43%	0,52%	0,50%	0,56%	0,55%	0,67%	0,83%	0,89%	0,83%

Combustíveis Mineirais	0,67%	0,85%	1,24%	0,58%	0,30%	0,45%	0,88%	0,48%	0,84%	0,81%
Outros	0,01%	0,01%	0,00%	0,01%	0,02%	0,01%	0,01%	0,02%	0,02%	0,01%

Fonte: LI, 2019.

Segundo a tabela 2, no que tange as importações brasileiras da China, observa-se que o grupo de produtos Máquinas, que possui um alto valor agregado, constitui mais de 50% da pauta importadora, sendo que esse número se manteve relativamente constante ao longo dos anos (55,9% em 2009 para 54,92% em 2018). Os Produtos Químicos e Manufaturados fazem parte, respectivamente, do segundo e terceiro item mais importado da China para o Brasil em 2018, seguido por Obras diversas com 11,71% da pauta importadora deste ano.

Os valores percentuais em relação ao total de importações se manteve relativamente constante ao longo dos anos, mostrando que desde 2009 as importações brasileiras da China possuem uma pauta com produtos majoritariamente de maior valor agregado, ou mais complexos sendo 85% composto por Máquinas, Manufaturados e Produtos Químicos.

Os investimentos chineses no Brasil passaram a ocorrer em sua maior parte, de forma direta, como já dito anteriormente, segundo os dados da CEBC (2016), tais investimentos são realizados por estatais chineses, estatais e empresas privadas, sendo o foco principal o setor energético e elétrico. Esses investimentos garantem para o Brasil a arrecadação de impostos além da geração de empregos diretos e indiretos.

Até o ano de 2015, 66% dos investimentos financeiros em energia foram feitos no setor petroquímico, com um montante de aproximadamente 18 bilhões de dólares. As linhas de transmissão foram responsáveis por 23% desse total, com aproximadamente 6 bilhões de dólares. A importância da área e dos setores é tanta, que dos investimentos totais da China no Brasil, 48% foi destinado ao setor petroquímico e 17% as linhas de transmissões como demonstra (COLOMBINI, 2016).

Segundo Scherer, (2015) diversos acordos importantes para a relação bilateral foram assinados, entre Brasil e China o Novo Plano de Ação Conjunta para o período que vai de 2016 a 2021 e a ratificação do Acordo-Quadro para o Desenvolvimento do Investimento e Cooperação em Capacidade Produtiva, entre o Ministério do Planejamento do Brasil e a Comissão Nacional para o Desenvolvimento e Reforma da China. Os chineses apresentaram uma lista com mais de 50 projetos que interessam as suas empresas, a maior parte deles voltado para o setor de energia e infraestrutura. Por sua vez, o Brasil identificou alguns pontos nos quais os investimentos chineses seriam absorvidos como o setor de infraestrutura

e logística, energia, alimentos, petróleo e gás, siderurgia, química e petroquímica, automotiva, saúde e eletrônica.

Os Acordos de Reconhecimento Mútuo (ARM), instrumentos voluntários de facilitação de comércio são assinados entre países parceiros que possuem Programa de Operador Econômico Autorizado e que seguem os padrões propostos no marco SAFE. Os principais objetivos de um ARM são: reconhecimento das certificações OEA emitidas pela Aduana do outro país; tratamento prioritário das cargas e conseqüente redução de custos associados à armazenagem; comprometimento recíproco da oferta de benefícios comparáveis; previsibilidade das transações; e melhora na competitividade das empresas OEA no comércio internacional.

Segundo a Receita Federal Brasileira (2020) a China se tornou o maior parceiro comercial do Brasil. Em 2018, 3600 empresas brasileiras registraram 80 mil declarações de exportação para a China, no valor US\$ 63,93 bilhões, o que equivaleu a 26,7% da totalidade de nossas exportações. Já na importação, 25 mil empresas brasileiras registram 680 mil declarações de importação, no valor de US\$ 27,12 bilhões, representando 19,2% de nossas importações. A China teve, em 2018, superávit comercial de cerca de 352 bilhões de dólares em relação ao mundo todo, no entanto, no comércio Brasil e China, o superávit é do Brasil, de quase 30 bilhões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do covid 19 afetou todo o cenário econômico mundial. As importações e exportações brasileiras também não saíram livres desse problema. Quando se realiza uma comparação aos anos anteriores a 2019 o que se mostra um desafio para o crescimento brasileiro. A desaceleração econômica do mundo afetou diretamente as maiores economias do planeta China e Estados Unidos. O Brasil se encontra numa situação semelhante de recessão, uma de suas piores, e direciona novas políticas econômicas que buscam melhorar a situação fiscal vigente, sobretudo, com políticas impopulares decorrentes da necessidade de um ajuste que será feita tardiamente.

O cenário brasileiro não é animador, devido a grave recessão, a previsão de crescimento do Brasil não é uma das melhores, principalmente em decorrência da má situação fiscal, causadas por choques negativos e políticas custosas de isenções e desonerações. Se tratando de contexto global, temos a Guerra Comercial que segundo as projeções abordadas pode proporcionar uma melhora nas exportações do Brasil para a China

e os Estados Unidos, sendo esse um aumento de 3,8% das exportações totais. As exportações é um fator decisivo para o crescimento de um país, a Guerra tarifária travada pelas duas maiores potências econômicas deverá afetar o desempenho do mundo como um todo, reduzindo as expectativas de aumento de PIB de forma geral para os países.

A relação bilateral entre Brasil e China mostrou-se bastante efetiva nos anos analisados, primeiro que a balança comercial para o Brasil nesse comércio é superavitária desde 2009, revelando-se crescente também durante o contexto de Guerra Comercial em 2018, dado pelo aumento de exportação. O impulsionamento da industrialização chinesa também favorece a demanda pelo mercado de produtos primários brasileiros, e como gera superávit, o Brasil terá mais fôlego em sua balança de pagamentos. O livre comércio entre o Brasil e a China traz benefícios para ambos os países e colabora para evolução da economia se tornando vantajoso para ambas as partes.

REFERÊNCIAS

CEBC (Conselho Empresarial Brasil-China). **Investimentos chineses no Brasil (2013 e 2016)**. Disponível em: <http://www.cebc.org.br/pt-br/projetos-e-pesquisas/investimentos-chineses-nobrasil>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

COLOMBINI, Iderley. Dinâmica Capitalista dos Investimentos Chineses no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: **Action Aid Brasil**, 2016.

CONTINI, Elisio. Evolução recente e tendências do agronegócio. **Revista de política agrícola**, v. 15, n. 1, p. 5-28, 2006.

DA SILVA, Bruna Lafraia Ribeiro; LUNELLI, Flavia; CLETO, Carlos Ilton. AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E A DEPENDÊNCIA DAS COMMODITIES. **Caderno PAIC**, v. 21, n. 1, p. 169-188, 2020.

DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade Federal de Goiás. Catalão-GO**, 2011.

DE OLIVEIRA, Leila Barbosa. O impacto da crise econômico-financeira de 2008-2009 nas relações econômicas do Brasil com a China. **Horizonte Científico**, 2014.

DE SOUSA, Jose Manuel Baptista Meireles. **Fundamentos do comércio internacional**. vol. 2. Saraiva Educação SA, 2017.

FIORIN, Daniel V. Aplicações de redes neurais e previsões de disponibilidade de recursos energéticos solares. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 33, n. 1, 2011. p. 01-20.

GONÇALVES, Williams; BRITO, Lana Bauab. Relações Brasil-China: uma parceria estratégica?. **Século XXI**, v. 1, n. 1, p. 11-28, 2020.

INTROINI, Marcelo Pereira. **O processo de desenvolvimento econômico da China, do Maoísmo à saída de empresas ao mundo: um debate para o estudo de caso do IDE chinês ao Brasil**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. 2019. 201 p.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. 2010.

LI, Anderson. **Parceiros comerciais em contexto da guerra comercial : uma análise comparativa e descritiva dos países Brasil e China de 2009 a 2018**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. 43 f

LIMA, Victor Jose Rocha. **Determinantes das exportações brasileiras: uma análise das elasticidades para os principais parceiros comerciais (2000-2014)**. Dissertação de mestrado - Universidade federal de Santa Maria 2019, 135 p.

LINS, Hoyêdo Nunes. Interações entre o brasil e a índia no alvorecer do século 21. **Revista de Economia**, v. 38, n. 66, 2019.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005. 315 p.

MENEZES, Carla Cristina Costa. **Made in China: fenômeno que levou o Brasil a reconhecer a China como economia de mercado**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2010. 253p.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Os blocos asiáticos e o relacionamento Brasil-Ásia. **São Paulo em perspectiva**, v. 16, n. 1, p. 114-124, 2002.

PIRES, Marcos Cordeiro. Notas Sobre A Parceria Estratégica Brasil-China. **China en América Latina y el Caribe: Escenarios estratégicos subregionales**, p. 249, 2015.

QUINZANI, Marcia Angela Dahmer. **A política externa da China para o Brasil: riscos e potencialidades (1990-2017)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração

Latino-Americana. Instituto LatinoAmericano de Economia, Sociedade e Política. Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina. Foz do Iguaçu, 2019. 184 p.

VILLELA, Eduardo VM. As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês. **Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico**, PUC/SP, 2004.

RECEITA FEDERAL. **Receita Federal assina Acordo de Reconhecimento Mútuo entre os Programas OEA do Brasil e da China**. Disponível em: <http://receita.economia.gov.br/noticias/ascom/2019/outubro/receita-federal-assina-acordo-de-reconhecimento-mutuo-entre-os-programa-oea-do-brasil-e-china>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

SANG, Beibei. **Geoestratégia da China e a nova rota da seda: uma análise a partir dos documentos oficiais chineses e seus desdobramentos para o Brasil**. 2019.

SANTANA, Naja Brandão. **Crescimento Econômico, Desenvolvimento Sustentável Inovação Tecnológica: Uma análise de eficiência por envoltória de dados para os países do BRICS**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2012. 216 p.

SCHERER, André. A Nova Estratégia de Projeção Geoeconômica Chinesa e a Economia Brasileira. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v.36, n.129, p.35- 51, 2015.

YEH, Tatiana Azevedo; LAGE, Jailer Aguiar. Comportamento de consumo ecologicamente consciente: estudo comparativo Brasil x China. **Caderno Profissional de Marketing-UNIMEP**, v. 3, n. 2, p. 1-23, 2015.